

D.F. Migração

Migrante aguarda retorno

Sem verba, o programa que financia a volta das famílias carentes está parado

Arthur Herdy

Há 12 dias a Fundação do Serviço Social não embarca migrantes de volta à sua cidade de origem. O programa assistencial do Governo do Distrito Federal está parado por falta de verbas e, ontem, no balcão do Posto de Atendimento ao Migrante da Rodoferroviária, a resposta era uma só: "Não temos dinheiro para as passagens".

Sem ter para onde ir, várias famílias — algumas com crianças — se abrigam desde a semana passada debaixo das árvores, à espera da hora da partida. "Brasília, para mim, foi uma decepção. Se transformou na capital da desesperança", disse Maria de Lourdes dos Santos, 32 anos, casada, cinco filhos, que veio de Irecê, Bahia, há 15 dias, em busca de uma vida melhor.

"A Fundação estourou o orçamento inicial para esse programa de atendimento social", justificou o secretário de Comunicação, Fernando Lemos. Segundo ele, já foi pedida uma suplementação de verbas, mas ainda não saiu. "Acredito que até o final da semana ou princípio da outra, o dinheiro seja liberado", ressaltou.

Programa

O Programa de Atendimento ao Migrante, anteriormente chamado de "Retorno com Dignidade", embarca uma média de 50 pessoas por dia para suas cidades de origem, a maior parte, no Nordeste.

te. Gasta, só com passagens e, em alguns casos, alimentação, cerca de Cr\$ 6 milhões mensais.

Os migrantes recebem passagens após o preenchimento de uma ficha com nome, local de origem e os motivos que o levaram a migrar para Brasília. O programa atende, ainda, carentes que querem viajar e não têm recursos e pessoas que chegam a Brasília para fazer tratamento médico.

As vezes, até estrangeiros são beneficiados. De acordo com um funcionário, "eles chegam e dizem que foram assaltados e perderam todo o dinheiro. Pedem, então, uma passagem para o Rio ou São Paulo, onde vão buscar ajuda no consulado. Acabamos fornecendo a passagem, isso, após anotar o nome e a nacionalidade", disse.

Sem querer se identificar, o funcionário da Fundação do Serviço Social afirma que o maior número de retorno de migrantes é para o estado da Bahia, principalmente as áreas atingidas pela seca. Ele cita as mais procuradas: Barreiras, Ibotirama, Vitória da Conquista e Correntina.

O servidor da FSS afirma que o posto de atendimento da Rodoferroviária é o verdadeiro termômetro, que indica a procedência dos migrantes que chegam a Brasília. Ele salientou que três motivos atraem os migrantes: o sonho de ganhar um lote do governo, o atendimento médico e a busca por um emprego.

Terminal vira acampamento

José Carlos de Jesus, 33 anos, casado, quatro filhos, veio para Brasília com a família há um mês, em busca de trabalho e uma nova vida. Ontem, ele completou sete dias de acampamento "debaixo de um pé de pau", no gramado da Rodoferroviária, à espera da passagem de volta.

Enrolado em um cobertor por causa do vento e do frio do final da tarde, Jesus fala enquanto come um pedaço de mandioca mal cozida. "Eu vim de Juazeiro do Norte, no Ceará, para trabalhar na capital do meu País. Cheguei a arranjar um emprego em um sítio em Sobradinho. Mas roubaram todos os meus documentos, inclusive os registros dos meninos. Assim, me vi na rua da amargura e o jeito é voltar para minha terra", disse.

Durante o dia, Jesus, a esposa Maria do Socorro da Silva, 30 anos, e os filhos Daniel, nove meses, Tatiana, quatro, Marciano, seis, e José Cícero, o "Dodinha", com o nome em homenagem ao milagreiro padre Cícero, ficam debaixo de uma palmeira. Ali mesmo cozinham alguns alimentos doados pelos moradores do Cruzeiro, a área residencial mais próxima.

Abrigo

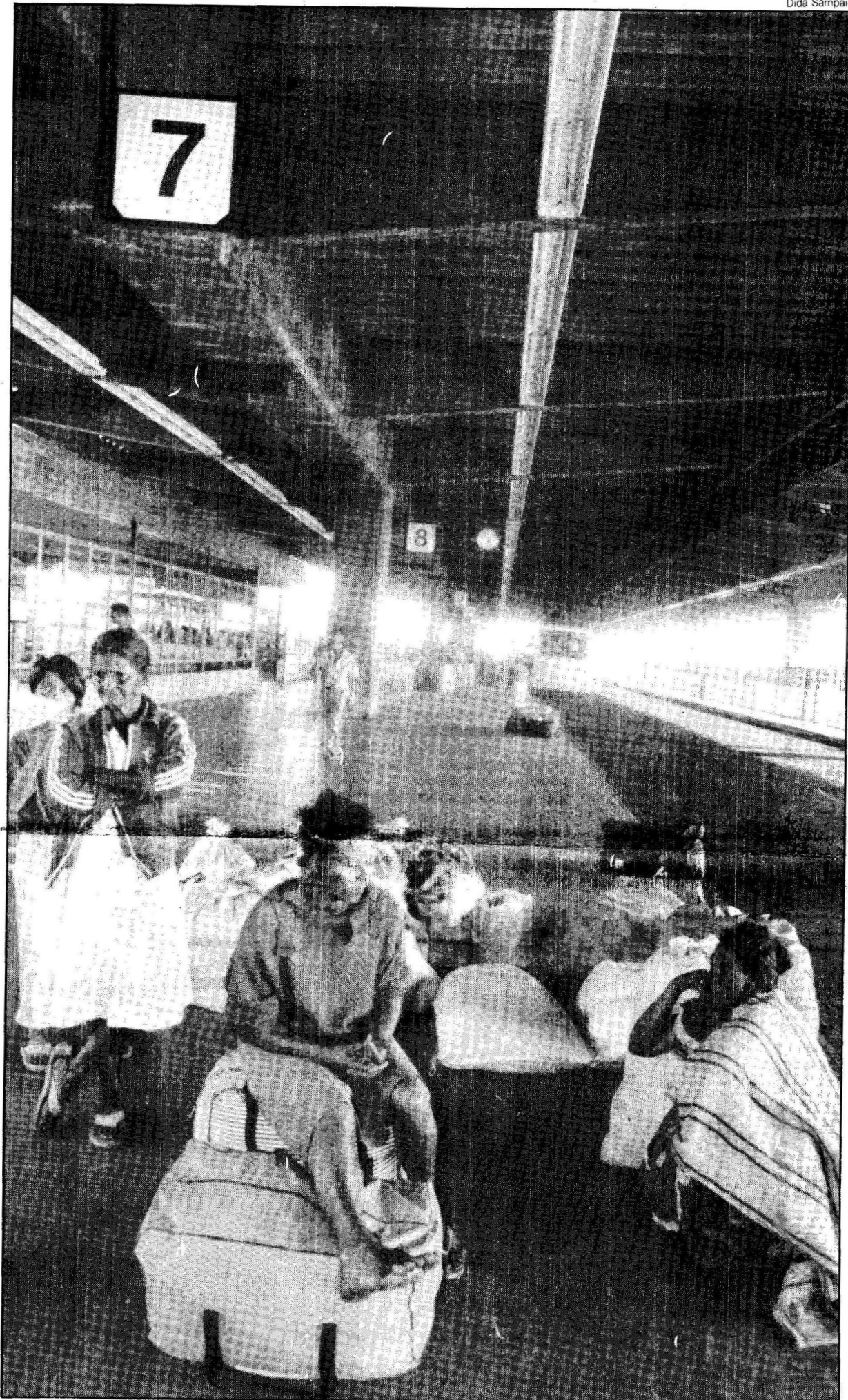
Com a pele ressecada pelo sol desta época do ano, a família durante a noite busca abrigo na área

de embarque dos ônibus. Lá, uma parede de vidro diminui a força dos ventos. "Mas, mesmo assim, faz muito frio. Os meus quatro bichinhos são os que mais sofrem, pois a gente não tem blusas e só temos um cobertor", disse.

O colchão é improvisado com caixas de papelão e as duas redes, sem local para serem instaladas, servem como abrigo para o frio. Jesus está traumatizado com a cidade grande e, mesmo sem dinheiro, tem medo que roubem o que restou de seus pertences: dois sacos de roupas, algumas panelas velhas e uma imagem do padre Cícero Romão Batista.

A situação de Marlene Souza Mendes, 58 anos, não difere muito da de Jesus. Ela veio de Ibotirama, na Bahia, com o marido, quatro filhos e dois sobrinhos. Ficou abrigada em um barraco no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), próximo ao quartel do Corpo de Bombeiros. Mas, acostumada com o calor baiano, não resistiu ao frio e ao vento dessa época do ano.

"A gente não conseguiu emprego nem lugar para morar. A solução é ir embora. Sei que a cidade é boa. Mas é injusta com quem pouco tem para dar, como é o nosso caso. Por isso, volto para o interior onde, pelo menos, a gente pode plantar para comer", ressaltou. (A.H.)



Dida Sampaio

Sem dinheiro, desempregados, apenas com sacos de roupas, os migrantes querem ir embora